

Senhor Embaixador do Japão

Excelência

Caros presentes

Em primeiro lugar, quero agradecer a Sua Majestade o Imperador do Japão, ao Governo japonês, ao Ministério dos Negócios Estrangeiros na presença de Vossa Excelência e às colaboradoras desta Embaixada, as Senhoras Chiho Komuro e Yuka Iwanami, pela nobilitação com que fomos distinguidos pela nosso activismo cultural durante cerca de cinquenta anos.

Gostaria também de agradecer a Vossa Excelência as amáveis palavras que nos dirigiu e que muito nos sensibilizaram.

Porém, também gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer na pessoa de Vossa Excelência a hospitalidade com que o Japão nos acolheu durante estes cinquenta anos. Muito bem haja.

Há um velho provérbio japonês que diz “*Sumeba Miyako*”, ou seja, a nossa terra é onde nós vivemos. E muito embora, efectivamente, o Japão não seja a nossa terra, acabou por ser terra nossa. O Japão foi durante cinquenta anos o centro das nossas vidas e Tóquio foi o epicentro das nossas actividades. Em Tóquio nasceu e cresceu a nossa filha, em Tóquio ensinamos nas mais famosas Universidades do Japão e também algumas delas as mais reputadas do Mundo e em Tóquio estabelecemos amizades que terremotos, tempestades e tufões não destruíram.

Mas a pergunta que me fazem é a seguinte: por que o Japão? Um provérbio japonês de origem budista diz o seguinte: “*sode fureau mo, tasho no en*”. Traduzido para português erudito é o *destino*, para português popular é o *fado*. Literalmente, significa que “um encontro mesmo improgramado entre duas pessoas, é algo que foi predestinado”. Este encontro improgramado aconteceu em Coimbra nos anos sessenta quando conheci um jovem estagiário do Ministério dos Negócios Estrangeiros japonês pelo nome de Shunsaku Ono. Ensinei-lhe português durante uns meses e só voltaria a reencontrá-lo em vésperas da minha ida para o Japão que incidentalmente coincidiu com o seu regresso a Tóquio. Foi uma longa amizade de quarenta anos. Assistimos ao seu casamento e infelizmente à sua intempestiva morte.

Uma outra pergunta que me fazem é a seguinte: o que é que mais o atraiu no Japão? Foi a cultura do Japão e o mistério da sua língua. Convém esclarecer que a minha relação com a cultura e língua japonesa não foi aquilo a que os japoneses chamam de “*hitomebore*” (amor à primeira vista) mas antes “*koi no yokan*” (amor à segunda vista).

Se 1868 assinala o ano da Restauração Meiji e o fim do isolamento económico, político e diplomático do Japão, 1968 assinala o fim do isolamento cultural do Japão. Precisamente, em Outubro de 1968, ano da minha chegada ao Japão, Yasunari Kawabata é galardoado com o Nobel de Literatura. E em 7 de Dezembro, a elite intelectual reunida na Academia Sueca ouvia, lia e via, pela primeira vez, um figura frágil, vestida de quimono, a falar em japonês sobre “*Utsukushi Nihon to Watashi*” (Eu e a Beleza do Japão). Este momento marca a minha conversão para a cultura japonesa. “*Izu no Odoriko*” (A dançarina de Izu), “*Yukiguni*” (País da Neve) ou “*Senbazuru*” (Amor e Chá) são obras seminais da literatura japonesa. Pernoitei no *ryokan* em Izu onde Kawabata escreveu o primeiro capítulo de “*Izu no Odoriko*”, visitei o país

da neve (Yukiguni) e assisti no cenário de “Senbazuru” em Kamakura à elaborada cerimónia de chá. Porém, uma outra obra de um outro autor japonês igualmente importante que me marcou foi “Utage no Ato” (Depois do Banquete) de Yukio Mishima, obra que me introduziu no labirinto da cultura política do Japão. A obra, que decorre no cenário de um *ryotei* em Roppongi, tem como figura principal o diplomata Hachiro Arita, três vezes Ministro dos Negócios Estrangeiros e autor da “Esfera da Coprosperidade de Grande Ásia Oriental”. Foi também neste contexto literário que publicámos, em português, o belíssimo livro de contos intitulado “Baku” (O Devorador de Sonhos), de Sua Alteza a Princesa Hisako Takamado, herdeira das escritoras da corte como Murasaki Shikibu, Sei Shonagon ou Izumi Shikibu. A cultura japonesa foi sempre a cultura da corte e a cultura da corte no Japão foi sempre feminina. No entanto, ao lado da cultura erudita também apreciámos as “*enkas*” “Yokohama Tasogare” de Hiroshi Itskushi, “Mizushiro” de Sem Masao ou voz romântica de Miyako Harumi, o drama “Chushingura” que fala da honra e lealdade, o belíssimo biombo de Ogata Korin que serviu de paradigma a Van Gogh, o inesquecível “Tokyo Monogatari” de Ozu com o desempenho admirável de Setsuko Hara, o folclore do Obento e a elegância gastronómica do *Kaiseki* do restaurante “Kikunoi” em Kyoto e a harmonia dos contrários do amargo do chá japonês com o doce do “yokan” de Toraya.

Porém, foi a língua japonesa que mais me deslumbrou no Japão. Se é verdade que a língua é o elemento mais identitário de um povo, no caso japonês ela assume uma importância ainda maior. Icónica, precisa, solene, altamente hierárquica com pronomes pessoais devidamente categorizados - *watashi*, *boku*, *ore*/ *anata*, *kimi*, *omae*; prefixos e sufixos honoríficos como, *okome* e *gohan* ou *san*, *chan* e *kun*, extremamente semiótica, compacta, pouco assertiva, telepática, formal, minimalista e de grande cortesia, é mais uma língua de comunicação cultural do que comunicação linguística. Enquanto no Ocidente se diz que uma fotografia vale mil palavras, no Japão poderíamos dizer que uma palavra vale mil fotografias.

No entanto, a cultura japonesa é fundamentalmente uma cultura de agradecimento, que se manifesta de três formas: agradecimento oficial (como este a que assistimos hoje), agradecimento social (*oseibo* e *chugen*) e agradecimento nacional (feriado nacional como “*kinro kansha no hi*”). Do ponto de vista semântico, a língua japonesa partilha o sentido de agradecimento no quotidiano através de cinco vocábulos sagrados: **itadakimasu**, **gochisosama**, **otsukaresama**, **gokurosama** e **sumimasen**.

De entre estas expressões, a de uso mais difícil e enigmática é sem dúvida “*sumimasen*” (= “*sumanai*”) que pode ser usada para pedir desculpas e também significa agradecimento, retribuição, uma atitude de humildade em relação ao “outro”. Mas também pode significar “**owarainai**”, ou seja, um acto que não acaba no momento em que se recebe algo mas pressupõe retribuição. Por isso, hoje, ao receber esta honrosa condecoração permitam-me que não agradeça com o tradicional “*obrigado*” ou o clássico “*arigatou*”. Limitar-me-ei apenas a dizer “**sumimasen**”.